

Eleitorado de hoje não é mais o de Jânio

FOTOS DE ARQUIVO



Eisenhower ignorou os apelos de Juscelino pela integração



Depois de vinte e nove anos, o Brasil volta às urnas nesta quarta-feira para escolher o novo presidente da República. O País, no entanto, já não é mais o mesmo que elegeu Jânio Quadros com uma diferença de 1.789.798 sobre o marechal Henrique Lott. Naquela época, a população recém começava a abandonar o campo em busca dos centros urbanos, incentivada pela política desenvolvimentista iniciada por Juscelino Kubitschek. Agora que o sonho acabou, as grandes cidades estão inchadas, com cinturões de miséria à sua volta e uma imensa massa de desempregados que nem mesmo a indústria da construção civil consegue absorver. A inflação, ao mesmo tempo, dá o golpe final na população de baixa renda, favorecendo especuladores do mercado de ações negociantes de dólares e ouro.

Se o eleitor não é mais o mes-



mo, o número de votantes também foi alterado. De apenas 15,5 milhões em 1960, agora já saltamos para além dos 82 milhões, com uma população estimada em 140 milhões. Os números chegam a ser surpreendentes quando comparados. O Estado de São Paulo tinha 3.412.611 votantes, contra os 18.890.817 atuais. Enquanto isso, Minas Gerais pu-

lou de seus 2.151.283 cadastrados na Justiça Eleitoral para 8.651.293, seguido de perto pelo Rio de Janeiro que, em 1960, não passava dos 1.916.828 e agora abriga 7.512.825 eleitores. O quarto maior colégio eleitoral é a Bahia, com 5.532.701 eleitores, para apenas 943.317 há duas décadas.

Os números não param aí. Conforme o último levantamento do Tribunal Superior Eleitoral, de 1988, 10 por cento dos 75.813.519 cadastrados eram analfabetos e só cinco por cento haviam concluído o curso superior, sendo que outros três por cento não tinham chegado ao final. Do total, 30 por cento sabiam ler e escrever, mas 28 ainda estavam longe de concluir o primeiro grau, sendo que apenas 10 por cento chegaram a obter o diploma.

Ainda conforme o relatório, a

relação entre homens e mulheres estava equilibrada. Das 37.158.744 eleitoras, 28 por cento sabiam ler e escrever, 10 por cento eram analfabetas, 28 por cento haviam concluído o primeiro grau e apenas cinco por cento o terceiro grau. Já entre os 38.305.256 homens habilitados a votar, 31 por cento liam e escreviam sem dificuldades, mas 29 ainda não haviam conseguido chegar ao segundo grau e apenas quatro por cento tinham diploma universitário.

A diferença mais gritante, no entanto, é quanto aos meios de comunicação e seu alcance. O Brasil entrou na década de 60 com menos de 700 mil aparelhos de TV e cerca de 500 mil de rádio. Hoje, são 67 milhões de televisores e 26 milhões de rádios a difundir informação pelo território nacional.